

Senado aprova homenagem, mas não define a data

Geraldo Melo explica que idéia é deixar ACM escolher o momento que achar mais adequado

DOCA DE OLIVEIRA

BRASÍLIA – Os senadores aprovaram ontem a realização de sessão solene de homenagem ao deputado Luís Eduardo Magalhães, mas deixou a definição da data para seu pai, o presidente do Congresso, senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA). “Vamos consultar Antônio Carlos para saber o momento mais adequado para essa homenagem”, disse o presidente em exercício do Congresso, senador Geraldo Melo (PSDB-CE).

Segundo Melo, a idéia da sessão especial partiu dos senadores, que ensaiaram uma volta ao Congresso ontem. Mas eles demonstraram preocupação com o estado emocional de ACM, muito abalado com a morte do filho, e decidiram que ele escolheria o dia. “Essa sessão não tem uma data definida para ser realizada e nós vamos esperar um sinal do Antônio Carlos”, contou Melo. “Ele está abatido como qualquer ser humano estaria num momento como este e precisa de um tempo.”

A morte de Luís Eduardo deixou vazios os corredores do Senado ontem. As sessões no plenário e nas comissões foram suspensas e só serão retomadas na semana que vem. Os poucos senadores que passaram pelo plenário externaram o sentimento de perplexidade e solidariedade a ACM. Nos pronunciamentos, lembraram da juventude e garra do deputado, cuja carreira política atingia agora, com a candidatura ao governo da Bahia, um novo momento.

Os senadores falaram da capacidade de reação de ACM e do que ele fará daqui para diante. Pa-



Simon: “Quem duvida que de toda a dor possa surgir um novo ACM?”

ra eles, o presidente do Congresso deve dirigir sua dor para o cumprimento dos objetivos do filho, que atuava diretamente na aprovação das reformas constitucionais.

Lembranças – Alguns parlamentares relembrou emocionados, para o plenário quase vazio, suas experiências pessoais e mandaram um recado para que o presidente do Congresso reaja. “Que Deus transforme o Antônio Carlos e o filho se transfigure no pai”, discursou o senador Pedro Simon (PMDB-RS), adversário reconhecido de ACM.

Simon protagonizou uma das intervenções mais comovedoras da manhã, quando recor-

dou a morte de seu filho, há 13 anos. “Quando morreu o meu filho, eu sucumbi”, contou. Ele lembrou que Tancredo Neves – na época escolhido presidente da República pelo Colégio Eleitoral – ofereceu-lhe quatro ministérios diferentes e depois a liderança do governo no Congresso, mas só mais tarde aceitou uma oferta.

“Eu superei a morte do meu filho trabalhando 24 horas por dia, sete dias da semana”, disse Simon, que tornou-se ministro da

Agricultura do governo José Sarney. “Quem duvida que de toda essa dor possa surgir um novo Antônio Carlos e ele possa assumir uma autoridade absoluta neste governo e no País e tornar-se o melhor conselheiro do presidente Fernando Henrique Cardoso?”

O senador tucano Lúdio Coelho (MS) recordou uma frase ouvida de um padre quando da morte de seu único filho. “A brasa só queima onde cai”, disse. “O Brasil precisa do ACM e ele deve voltar a exercer a sua liderança firme na política, é o que seu filho gostaria que ele fizesse.”

Para o tucano Arthur da Távola (RJ), a morte de Luís Eduardo deixou algumas li-

ções. Entre elas, a de que a política não vai tão mal assim. “Fala-se tanto mal dos políticos e, quando dois deles morrem, a nação inteira os reverencia”, comentou, referindo-se também ao ministro Sérgio Motta, que morreu domingo.

Outra lição, segundo o senador tucano, é que a lealdade é o atributo mais importante para um político. “O Luís Eduardo foi um exemplo disso, ele era leal e por isso conquistou o respeito e a admiração até de seus adversários”, disse.